

# A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER AFRICANA NO FILME VÊNUS NEGRA

LUCIANA DIAS ANDRADE<sup>1</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as percepções sobre a sexualização e inferiorização do corpo de Saartjes Baartman, mulher africana e negra, no filme *Vênus Negra*, do diretor Abdellatif Kechiche. “*Vênus Negra*”, nos leva a discursos como o da sexualização da mulher negra, a construção de estereótipos e, os contornos dessa diáspora africana no tempo presente. A comunicação em destaque, alicerça-se sob a perspectiva do conceito, *Poder Simbólico*, de Pierre Bourdieu (1992), da tese de doutorado de Noel dos Santos Carvalho, denominada “*Cinema e Representação Racial: o cinema negro de Zózimo Bulbul*”, defendida em 2006, além do clássico de Harriet Beecher Stowe, “*Cabana de Pai Tomás*” (1852). Metodologicamente ancorado nas investigações de caráter qualitativo, bibliográfico e numa perspectiva de análise fílmica. Para tanto, torna-se crucial uma análise acerca dos discursos produzidos e reproduzidos no século XIX, sobre a exotização da mulher negra, que se perpetuam até os dias atuais.

**Palavras-Chave:** Cinema. Mulher Negra. Sexualização.

## ABSTRACT

This research aims to understand the perceptions about the sexualization and inferiority of the body of African and black woman Saartjes Baartman in the film Abdellatif Kechiche, *Venus Negra*, leads us to discourses such as the sexualization of women black, the construction of stereotypes and the contours of this African diaspora in the present time. The highlighted communication is based on the perspective of Pierre Bourdieu's (1992) concept, *Symbolic Power*, of Noel dos Santos Carvalho's doctoral thesis, entitled “*Cinema and Racial Representation: Zózimo Bulbul's black cinema*”, defended in 2006, in addition to Harriet Beecher Stowe's classic, “*Father Thomas' Hut*” (1852). Methodologically anchored in the qualitative, bibliographical investigations and in a perspective of film analysis. Therefore, it is crucial to analyze the discourses produced and reproduced in the nineteenth century, about the exoticization of black women, which have perpetuated until the present day.

**Keywords:** Cinema. Black woman. Sexualization.

## 1. A Representação da Mulher Negra no Século XIX

São diversos os estudos que retratam a representação do negro no século XIX. É nesse contexto que o presente artigo vem propor essa reflexão sobre uma mulher

<sup>1</sup> Historiadora, bacharela em Comunicação Social com Habilitação em Audiovisual pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Ensino para Igualdade nas Relações Étnico-Raciais em sala de aula na Educação Básica. Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad de La Empresa – Montevideo- UY. Pesquisadora em Cinema Africano e Cinema Brasileiro e a inserção do negro em políticas públicas

negra, africana chamada Sarah Baartman. Denominada de a “Vênus Hotentote”, natural do povo khoi-san, da cidade do Cabo, na África do Sul. Inicialmente essa jovem que em 1810, aos 21 anos, saiu da sua tribo, e foi adotada como serva por 10 anos por uma família holandesa que residia próxima a cidade do Cabo, teria sua vida traçada para sempre. Seu nome desconhecido, é proveniente de uma junção, Saartjie (“pequena Sarah”), talvez pela sua pequena estatura (1,35m), e Baartman, o sobrenome da família que a “adotou”. A nomenclatura Hotentote, vem de uma característica natural das mulheres do seu povo: um avental frontal ou hotentote, que significava uma hipertrofia dos lábios vaginais.

Além dessa característica física, tinha também a esteatopigia, uma espécie de acúmulo de gordura nas nádegas. Algumas fontes dizem que Sarah foi casada antes de sair da sua tribo e tinha dois filhos. Na imagem abaixo, podemos destacar com mais detalhes a forma lateral de nossa personagem.



Figura 1: Corpo de Sarah Bartmann, divulgado no Jornal Francês. Fonte: Google Imagens

Após essa adoção, Sarah foi levada para Londres, pelo cirurgião inglês Wilian Dulong, com o propósito de apresentações em espetáculos circenses, os chamados *freak shows*. A história conta que a pequena Sarah, foi enganada com a proposta que se tornaria uma grande artista. Explorada e iludida, o denominado Circo dos Horrores, trata Sarah como uma aberração que mexia com os sentimentos mais mórbidos dos seus expectadores. Inclusive, o filme *Vênus Negra*

(2010) do diretor tunisiano *Abdellatif Kechiche*, é uma película que em certos momentos nos causa angústia, pela construção massante da hipersexualização do corpo de Sarah nesses espetáculos com cenas deprimentes. A forma de exposição do corpo dessa mulher, reforça a inferiorização e sexualização da mulher negra africana no século XIX, principalmente, na construção de estereótipos e contornos da diáspora africana. Além da violência física, há uma carga de poder simbólico extremamente cruel e abusiva. A “Vênus Hotentone”, do século XIX, foi base para potencializar o poder do homem sobre o corpo feminino e, marcar a diferença da supremacia do corpo branco, sobre o corpo negro e, assim, inicia-se o debate sobre o conceito de raça.

Segundo Bourdieu, (2007, p. 20), a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, podem assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão do trabalho. Foi, a partir do estudo sobre a Vênus Hotentote que se inaugura o conceito de raça, onde as heranças físicas são permanentes entre vários grupos humanos (SHWARCZ, 1993, P.47). Se analisarmos, até o nome Vênus Hotentote cria um estereótipo. Vênus significa beleza, a deusa do amor e Hotentote, uma anomalia. Nesse sentido tivemos uma Vênus hipersexualizada, uma espécie de objeto grotesco, animalesco, ao deleite do homem branco.

Uma mulher sem controle sobre o seu corpo, sem escolhas, num estado permanente de apatia e insegurança. Toda mulher na concepção da dominação masculina deve ser “femininas, sorridentes, submissas, discretas, contidas ou mesmo apagadas” (Bourdieu, 2007, p. 82). Durante toda a exploração do corpo de Sarah, analisado e posteriormente dissecado por George Cuvier, cientista e anatomista renomado na época, é a prova da legitimidade da medicina em relação ao corpo quando se trata de exploração. Aquela mulher “animalesca”, até porque em suas forçadas apresentações, muitas vezes a Vênus aparecia enjaulada, e se tornou vítima do homem branco antes e pós-morte. No final da sua vida, a Vênus Hotentote, morre viciada em álcool e com uma doença venérea, a sífilis. Ainda muito jovem, em estado de abandono, Sarah, destrói-se. Só nesse momento deprimente ela detém o poder sobre seu corpo.

Nas leituras e análises, conseguimos estabelecer um “link”, entre Sarah e um best-seller, uma obra de 1851, de Harriet Beecher Stowe, denominada “Pai

Tomás". Um romance, que despertou a consciência dos estadunidenses sobre a escravidão, o seu fim e a luta entre dominados e dominadores, obra que chegou a influenciar na independência dos Estados Unidos. Tendo como personagem principal, um negro, escravo e resignado, a obra potencializa a submissão dos negros. Na época, obviamente que os abolicionistas queriam um Tomás, mártir, revoltoso, impetuoso, mas, encontram um humilde velho, dócil, e que perdoa seus inimigos. Essa apatia, tão próxima entre Sarah e Tomás, revela o estado de subserviência e passividade que os negros se encontravam no século XIX, numa relação vertical de poder.

Sarah, em sua diáspora solitária, foi um objeto a ser conhecido, estereotipado, comercializado. O imaginário criado lá atrás, da mulher africana, típica e hipersexualizada e, com características patológicas, confirmam o discurso colonialista. A mulher exótica do século XIX, tornou-se reflexo para mulheres negras na atualidade, que são reduzidas a meros objetos nos espaços de trabalho, bem como nas mídias. A análise parte do tipo de projeção das mulheres negras na atualidade e como seus corpos são exibidos.

## 2. O Filme

Numa abordagem cinematográfica, o filme *Vênus Negra* expande as possibilidades de inúmeras interpretações. No que diz respeito a representação, segundo Pesavento (2005, p.) "a representação não é a cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele". A película trata de representações como a exotização do corpo, o sexismo, o fetichismo, e o machismo. Saartjie Baartman, é uma negra, arrancada de suas origens, como tantos outros africanos ao longo dos séculos. O filme também retrata o papel da Medicina, como parceira do projeto colonialista europeu, ao usar a legitimidade acadêmica para divulgar a idéia de que as africanas traziam as marcas de anomalias e inferioridade nas suas feições fisionômicas.

São essas novas abordagens que possibilitam uma leitura cultural de vários elementos contidos em *Vênus Negra*. O filme inicia com uma aula de anatomia no início do século XIX, em Paris, cidade do renascimento, das ideias ilustres, do iluminismo. Parece até contraditório, mas é nesse ambiente histórico que o filme é produzido. Com o avanço da modernização, mudam-se os conceitos de corpo, desprendem-se dos componentes religiosos, o homem, se reconhece na sua

sexualidade, no seu eu. Mas contraditoriamente no caso da pequena Sarah, o corpo serviu como instrumento de manipulação. O filme, retrata com maestria, o fim trágico de Sarah, onde o uso do seu corpo, ainda permaneceu logo após a sua morte em 1815. Seu corpo foi dissecado por Cuvier, seu esqueleto, cérebro, sua genitália e um molde deste foi construído para ser exposto no Museu do Homem de Paris, onde permaneceu até 1985. Exposição esta, que requer outro estudo detalhado do corpo e sua exibição ao público após a morte da Vênus Hotentonte.



**Figura 2:** Exposição no Museu do Homem (França). Molde do corpo de Sarah Bartmaan. **Fonte:** Google Imagens

Essa película, aborda claramente as razões pseudocientíficas que defendiam o racismo no século XIX. Demonstrando as primeiras concepções acerca do corpo da mulher negra. A utilização do cinema pela história, ajuda no acervo das fontes audiovisuais, e serve de fonte documental em relação aos fatos ocorridos ao longo do tempo. O filme é pensado e problematizado nessa pesquisa, “enquanto uma representação artística da arte, compreendida como uma fala da sociedade sobre ela mesma, uma maneira de sistematizar experiências coletivas e cotidianas”, como denominou Geertz (1989).



**Figura3:** Cena do Filme Vênus Negra. **Fonte:** Google Imagens

### 3. O Corpo Negro como Espaço de Ressignificação

O corpo, como relata Foucault, (2010, p. 01), "é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado". Se olharmos hodiernamente a sociedade brasileira, vimos uma forte exposição na marginalização dos corpos negros, por meio da difusão de estereótipos e arquétipos. Tivemos na Vênus Hotentote um corpo exposto, tocado, ridicularizado, hipersexualizado. Como decolonizar esse corpo e criar outro espaço de ressignificação? Segundo Bhabha (1998, p.107) "o corpo está sempre simultaneamente inscrito tanto na economia do discurso, da dominação e do poder." O corpo, neste caso, é o instrumento de representação do poder. Aquele corpo inerte, que simplesmente não se dá conta da sua força. Diante das nossas leituras entendemos que estratégias de resistência precisam ser criadas para sairmos do estado de acomodação da pequena "Sarah" e do "Pai Tomás".

Histórias do século XIX, que continuam intrinsecamente ligadas aos corpos negros que a mídia insiste em dar um mesmo sentido do colonizador. O corpo não é um mero objeto. Em nossos discursos atuais, temos resquícios e conceituações advindas deste período, que ainda permanecem como verdades. Freitas (1995, p. 18) argumenta que,

*Na imagem do corpo está implícito não apenas o corpóreo, ou seja, meu corpo enquanto objeto de reflexão, com fronteiras bem definidas pela epiderme, mas principalmente a corporeidade, o corpo-sujeito que age no mundo e que, nesta inter-relação, estende-se para ele, perde suas fronteiras anatomicamente definidas e torna-se marcado pelos símbolos de suas vivências, torna-se presença.*

É este corpo que muitas vezes silenciado define as relações de poder do mais forte, o que oprime e castiga. Sabermos o corpo que temos e que espaço ele ocupa, dá um novo significado ao corpo feminino negro na atualidade.

#### **4.Considerações Finais**

Percebemos que diversos elementos que cercam a história de Sarah Bartmaan perpassam pelo racismo, exclusão, sexualidade e tráfico humano. Através do filme “Vênus Negra”, nos transportamos ao presente e vimos as negras midiáticas e estereotipadas tão presentes em comerciais, telenovelas e no cinema. Os arquétipos e caricaturas tão impostas ao povo negro, vem sendo altamente veiculados e potencializados pelo homem branco. São os preto-velhos, a mulata, o sambista, o malandro, o favelado, o crioulo doido, são representações que projetam a posição do negro na sociedade. Olhar para Sarah é olhar para dentro de nós mesmos, da nossa subserviência. A pequena Sarah, tão humilhada e maltratada serve de espelho para entendermos as relações de poder entre os grupos sociais, onde o homem branco subjuga e decide os destinos do homem preto.

O colonialismo presente nessas relações de poder, potencializa a diferença racial como fator preponderante entre brancos e negros. Quando o dispositivo do controle social é acionado, o Estado legitima. Foi assim com Sarah, analisada como uma deformidade para apontar a inferioridade africana. A dicotomia, “o civilizado e o selvagem”, sempre há de existir, diante dos olhos dos curiosos. Um dos exemplos atuais, são os livros didáticos, que mesmo após algumas políticas públicas de resgate da cultura negra ou indígena, reforçam esses estereótipos. Os discursos podem ter mudado do século XIX para os dias atuais, mas, as práticas são tão comuns quanto antes.

O corpo de Saartjie, foi doado ao Museu do Homem de Paris. O fim do sistema de segregação “Apartheid”, desenterra a história de Sarah, e a África do Sul, sob o comando de Nelson Mandela, reivindica o repatriamento dos seus restos mortais. Mandela governou entre 1994 a 1999, como o primeiro presidente negro do país, mas somente em 2002, o corpo da jovem retorna ao país. O processo não foi fácil visto o governo francês negar a existência dos restos mortais. Finalmente, o corpo de Saartjie foi sepultado na cidade do Cabo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, H.K. **O local da Cultura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. p. p.105 - 128.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CARVALHO, Noel dos Santos. **Cinema e representação racial**: o cinema negro de Zózimo Bulbul. São Paulo, 2006 .312 f. Tese de Doutorado- Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2006.

FOUCAULT, M. **O Corpo Utópico**. Trad. Cepat. Página/12 (Buenos Aires), 29/10/2010 (1966). Disponível em: [http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault#.Uc-c\\_xLbGa](http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault#.Uc-c_xLbGa)

\_\_\_\_\_, Michel. [1977]. Sobre a história da sexualidade. In: **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 22 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p.243 – 276.

FREITAS, G. G. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Disponível em: Acesso em: 12 de agosto. 2017.

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

KECHICHE, Abdellatif; **A Vênus Negra**. (Filme-DVD) Produção de Charles Gilbert, Marin Karmitz, Nathanael Karmitz. Direção Abdellatif Kechiche, Paris. 2010. 166 minutos.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica: 2005.

Oxford Dictionary Online. Disponível em <http://oxforddictionaries.com/>. Acesso 12/09/2013.

\_\_\_\_\_. **Raça, o significante flutuante**. Revista Z Cultural (PACC-UFRJ), Ano VIII, No.2, 2013. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil de 1870 - 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L.M. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1ª. Edição. São Paulo; Claro Enigma, 2012.

STOWE, Harriet Beecher. Uncle Tom's cabin. Oxford: Oxford University, 2001.

Disponível em: <https://br.pinterest.com/djacademe/baartman-saartjie-the-hottentot-venus/> . Acessado em: 22 de ago. 2017